



RELATO DE EXPERIÊNCIA

ESTÁGIO E PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: pesquisa e prática docente em Sociologia

Roberto Gerônimo de Farias Lemos¹
Francisco Evandro Lemos Santos²
Monyque Mary Bezerra de Holanda³

Resumo

A formação de docentes de Sociologia passou a ter maior atenção nas discussões sobre a educação a partir da Lei nº 11.684/2008, embora hoje tenha sido alterada a reorganização curricular do Ensino Médio com a Lei nº 13.415/2017. Entretanto, os estágios, como instrumentos de formação docente, ainda têm sua importância minimizada ou resumida a uma atividade prática. Dessa forma, propomos desconstruir o estágio como unicamente uma atividade prática e entendê-lo como uma atividade de pesquisa “sociológica” do contexto escolar, tornando-se, assim, uma pedra angular na formação dos docentes em Sociologia. Trabalhamos essa questão a partir das leituras dos textos teóricos que contribuíram para pensar os estágios como práticas de pesquisa e as experiências obtidas no decorrer do programa Residência Pedagógica em Sociologia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, localizada no Ceará. O intuito deste trabalho é contribuir para as discussões a respeito da formação docente em Sociologia, percebendo o estágio como atividade essencial para a construção identitária do professor de Sociologia na relação com as escolas de Educação Básica.

Palavras-chaves: Formação docente. Residência Pedagógica. Ensino de Sociologia.

¹ Graduado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: robertofarias05@gmail.com

² Graduado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: evandrolemos@aluno.unilab.edu.br

³ Graduado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: monyquemary@hotmail.com

INTERNSHIP AND PEDAGOGICAL RESIDENCE PROGRAM: research and teaching practice in Sociology

Abstract

Sociology teacher training became more prominent in discussions about education after Law number 11.684/2008, although today the curriculum reorganization of High School has been altered with the Law number 13.415/2017. However, apprenticeships as tools for teacher training still have their importance minimized or reduced to a practical activity. Therefore, we propose to deconstruct apprenticeship as solely a practical activity, approaching it as a “sociological” research activity in the school context, thus, turning it into a milestone in the training of Sociology teachers. We approach the topic relying on the reading of theoretical papers that contributed to understand the apprenticeships as research practices and reflect on the experiences acquired throughout the Pedagogic Internship in Sociology Program at the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony, located in Ceará. Our aim in this paper is to contribute to discussions regarding Sociology teacher training, understanding apprenticeship as an essential activity for identity formation of Sociology teachers in the relationship with basic education schools.

Keywords: Teacher training. Pedagogic internship. Sociology teaching.

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de atividades realizadas nas escolas públicas do Maciço de Baturité, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), situada no Ceará e na Bahia, com foco no interior do Ceará, por meio do programa Residência Pedagógica em Sociologia. Estamos envolvidos no edital nº 01 de 2020, é a segunda edição, e as novas necessidades provocadas pela atual situação, pelos novos saberes e pelas práticas foram sendo construídos e consolidados nas nossas identidades docentes. O objetivo aqui é deixarmos claro como projetos que visam à formação docente são essenciais nos cursos de licenciatura por possibilitar experimentar, aprender e reaprender questões a respeito do ser e do saber fazer a arte relacionada à prática docente.

Pensar a formação de futuros professores de Sociologia tem sido um processo

desafiante e exaustivo: primeiro pela intermitência da obrigatoriedade da disciplina na Educação Básica; e segundo pelo desinteresse por parte dos alunos que não conseguem enxergar a real relevância da disciplina para as suas vidas, o que gerou no processo de formação de professores de Sociologia um processo histórico de negligência e descaso. Como resultado, os cursos de Sociologia/Ciências Sociais tiveram a sua construção curricular baseada na construção e na realização de pesquisa, gerando uma enorme lacuna na construção docente. Podem-se atribuir duas questões a essa problemática: uma ligada ao próprio poder público, que não considerava a Sociologia como uma ciência a ser aprendida nas escolas (a Sociologia se tornou obrigatória no ensino básico apenas em 1980); outra relacionada à construção da Sociologia nas universidades, com foco apenas na produção das pesquisas, ou seja, a formação de bacharéis. Esse cenário implicou na não existência de um programa específico na formação de professores, de modo que apenas alguns autodidatas que se interessavam pela questão se aventuravam no estudo profundo da ciência em si e no processo de ensinar.

No entanto, essa situação passa a ser diferente a partir de 2008, com a obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia nas escolas e com a inclusão da Sociologia no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e a criação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em 2007 (OLIVEIRA; BARBOSA, 2013). Dessa maneira, este trabalho busca demonstrar que a Sociologia também é um campo necessário para a docência como forma angular e necessária para a construção de uma educação crítica, construtiva e reflexiva para os alunos da Educação Básica. O programa Residência Pedagógica foi criado pelo Governo Federal, a partir da portaria CAPES nº 38/2018, de 28 de fevereiro de 2018. A sua primeira edição ocorreu a partir do edital CAPES nº 6/2018, com início em agosto de 2018 e término em janeiro de 2020. Atualmente está em regime o edital nº 01/2020, com início em novembro de 2020 e término em abril de 2022. O PRP integra a política nacional de formação de professores, que os objetivos são: aperfeiçoar a formação docente a partir da relação entre prática e teoria; induzir a reformulação do estágio, tendo como norte as experiências e os aprendizados obtidos pela atuação no programa Residência Pedagógica; fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre escolas e universidades;

estimular, promover e fomentar a formação inicial de professores para a Educação Básica. (BRASIL, 2018).

Dentro dessa perspectiva, compreendemos que o programa Residência Pedagógica nos possibilitou experimentar novas experiências e saberes que contribuíram de forma direta para a nossa formação docente e humanista. O contato com a escola, ainda que de forma indireta, as atividades realizadas, as palestras, os eventos, os textos trabalhados, os artigos e os relatos de experiência não só fortaleceram as bases práticas e teóricas da nossa identidade docente, como também nos ajudaram a nos repensarmos como sujeitos que vivem em meio a uma realidade social. Além disso, o programa possibilitou estimular e fomentar os interesses dos alunos pelo ensino de Sociologia, aproximando escolas e universidades, contextos sociais e vivências, alunos e professores, residentes e alunos. Os resultados de todo esse trabalho são produções animadoras sobre o futuro da docência em Sociologia.

ESTÁGIO EM SOCIOLOGIA: a escola como campo de construção identitária.

É nesse contexto, marcado pela realidade social vivida que a docência constrói sua identidade e sua práxis, a partir de condições históricas e dialéticas. Além do que, é diante desse cenário que o licenciado dará início à formação de professor de Sociologia (RIBEIRO, 2019). A escola se assume como campo para a construção dessa identidade docente por se tratar de um ambiente de vivência multicultural e de pontos de encontros das mais diversas trajetórias. Se buscarmos uma melhor compreensão e possíveis encaminhamentos futuros é de suma importância que tenhamos em mente que tipo de docência falamos e queremos construir, que tipo de sociedade queremos viver e que tipo de ensino básico buscamos fazer. “Refletir a respeito do conceito de formação de professores exige que se recorra à pesquisa, à prática de formação e ao próprio significado do papel do professor na sociedade” (SOUZA; MARINHO; GAUDÊNCIO, 2016, p. 3).

O processo da docência é construído sobre uma diversidade que é perpassada por questões políticas, culturais e econômicas. Desse modo, a educação se configura

como uma prática social que está em contato com diferentes projetos de sociedade em que aspectos críticos, emancipatórios, anticoloniais e antirracistas podem ganhar relevância (COSTA, 2020). Portanto, a construção da docência é um processo vivido e contínuo que está envolto em questões complexas e desafiantes, que abarcam diferentes realidades, gostos, percepções e saberes. O estágio assume-se como uma atividade essencial e imprescindível na construção desses futuros docentes, pois não se resume unicamente à prática pela prática sem uma reflexão profunda no contexto escolar, a meros momentos de aprendizagem de técnicas a serem empregadas no cotidiano da sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades do manejo da sala de aula ou ao preenchimento de fichas de observação, diagramas e fluxogramas. Na verdade, “a compreensão da realização do estágio se afasta da ideia de aplicação de uma prática e se percebe como construção conjunta, contextual e temporal” (ROWER; ALVES; GOMES, 2019, p. 169). Logo, a experiência do estágio é uma construção coletiva, construída a partir das trocas das relações entre professores e alunos dentro de um espaço e de um tempo determinados. Portanto, o estágio passa ser uma ferramenta de pesquisa por possibilitar ao licenciado o conhecimento “sociológico” necessário para a sua construção como futuro professor.

“Trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto ou situação em uma outra coisa, é também transformar a si mesmo em e pelo trabalho” (DUBAR, 1992, 1994 *apud* TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 209). A atividade docente nos proporciona vivenciar novos contextos que acabam nos modelando. As experiências passam a nos possibilitar novos saberes que expressamos em nossas ações ou hábitos. Mais que uma atividade habitual e técnica, o professor exerce uma função que tem como finalidade o trabalho humano em sua real forma e foge à regra de uma mera mercadoria ou ferramenta de reprodução de ações; pelo contrário, seu repertório é sempre inovador, criativo e dotado de afetos. Isso, então, ultrapassa todas as formas mecânicas de ações e pensamentos, e conjectura uma gama de transformações. Ora, o docente não só cria as condições de sua didática, como também passa a ser recriado a partir delas.

Verdadeiramente foram notórias tais experiências como bolsistas do Programa Residência Pedagógica nas escolas públicas do Maciço de Baturité, que nos dotou de novas condutas diante dos novos saberes. Com o decorrer das atividades nas escolas

de forma remota, começamos a perceber que a forma como socializamos o saber sociológico, ouvíamos as experiências empíricas dos alunos e dialogávamos com eles a partir de suas experiências, interligando com os conceitos, permitiam que nossas ações e condutas sofressem mudanças profundas e, assim, a educação e a vida tornavam-se únicas e o saber sociológico ganhava vida nos mais diversos relatos. Aos poucos, a velha relação hierárquica se ruía em prol de uma relação de companheirismo, cooperativismo e mutualismo. Percebíamos aos poucos as mudanças na forma de se comunicar, de se portar, de escrever nossos relatos no portfólio, ao participarmos das atividades propostas e pela vontade de transformarmos a realidade escolar. Nossa identidade docente se consolidava cada vez e extrapolava as paredes escolares. Não só aprendíamos a construir de forma sólida nossas identidades docentes, como também reaprendíamos a sermos seres humanos.

Portanto, a prática docente, com o tempo, modela e enriquece nossa identidade e começamos a carregar as vivências profissionais para as nossas vidas pessoais; além do que, a forma como desenvolvemos nossas atividades passa a sofrer mudanças e a se refazer a cada dia. Tudo isso porque o trabalho do professor traz consigo o “saber-fazer” e o “saber-ser” (TARDIF; RAYMOND, 2000). Não só aprendemos novas técnicas pedagógicas que nos auxiliam na realização de nossa atividade docente, mas aprendemos a ser professor e a entender todas as maravilhas e belezas dessa profissão. O ser professor é poético, é encantador e, mais do que isso, é revolucionário e, certamente, realizador. É poético porque traz com seus saberes questões que se interligam com a vida, que possibilitam reinterpretá-la e reassumi-la como obra artística; é encantador por cativar os olhos e os ouvidos de quem ouve um professor que se assume como um sonhador, mas ainda não deixa de pensar o mundo real e material; é revolucionário porque possibilita a mudança, a transformação e o refazer; por fim, é realizador por possibilitar que as mudanças saiam do papel e tornem-se realidade.

A escola é o campo no qual as nossas identidades passam a se construir e se remodelar a todo o momento. Ela fortalece e exige de nós um comprometimento com a mudança, a renovação e o aprendizado. Nós, professores, não somos físicos ou químicos, nosso trabalho não termina dentro de um laboratório; a sala de aula é a vida

e a escola é o mundo. O professor é professor dentro e fora da escola. Suas ações não se restringem a muros, portões, cadeiras, frequências e notas. Pelo contrário, nossas ações pedagógicas fazem as nossas vidas e se referem a elas; e as experiências pedagógicas se misturam com nossas angústias, dúvidas, felicidades e medos. Tudo isso é vida, tudo isso é ser humano e é ser professor. Diante disso, podemos afirmar que essas experiências nos ajudaram a compreender que a identidade docente não é estática, não tem regras universais e nela não existem formas “corretas” ou “incorretas”, mas que parte de nós para o mundo e do mundo para nós. Nesta direção, Tardif e Raymond afirmam:

O professor que busca definir seu estilo e negociar, em meio a solicitações múltiplas e contraditórias, formas identitárias aceitáveis para si e para os outros utilizará referenciais espaço-temporais que considera válidos para alicerçar a legitimidade das certezas experienciais que reivindica (TARDIF, RAYMOND, 2000, p. 216).

A identidade docente está ancorada na realidade em que estamos inseridos. A socialização entre os sujeitos passa a orientar nossas condutas e pensamentos como docente. Portanto, compreendemos que a escola passa a ser um lugar importante para a construção de nossa realidade como professor, pois nos garante construir nossa identidade a partir das nossas necessidades e de nossos alunos. Por meio do diálogo e do trabalho coletivo, vamos consolidando nossas identidades e reaprendendo a prática e a essência do magistrado nas escolas públicas.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM SOCIOLOGIA: Crítica e Criatividade

O programa Residência Pedagógica passa a se configurar como uma ação diferenciada, no sentido de que faz uma ponte entre escola e universidade, proporcionando a criação de novas metodologias e epistemologias no ensino de Sociologia na Educação Básica. Com início em 2018, este é o terceiro ano do projeto Residência Pedagógica de Sociologia na UNILAB, com *campus* situados no Ceará e na Bahia. Criada em 20 de julho de 2010, pela Lei nº 12.289 (BRASIL, 2010), a UNILAB encontrou pela frente uma defasagem de professores de Sociologia no interior do Ceará. O desafio tornou-se interligar as necessidades dos jovens daquela região com

os preceitos políticos pedagógicos da universidade e do curso de Sociologia. A intenção era nobre, mas o desafio, árduo.

Como dito, este é o terceiro ano no qual o projeto Residência Pedagógica ocorre na UNILAB e, logo de início, já encontra um dos maiores desafios: buscar novas ferramentas metodológicas de se trabalhar em meio a uma pandemia. O segundo desafio foi articular formas de ensino-aprendizagem que superassem as defasagens tecnológicas sofridas por alguns alunos, especialmente por conta da situação econômica em que estavam inseridos. O terceiro foi repensar o processo de ensino-aprendizagem, porque professores se viram “obrigados” a se relacionar com novas formas tecnológicas – até então, para alguns, algo extremamente novo –, e alunos sentiram a dificuldade de permanecer em um ensino remoto e à distância. Ainda assim, o coletivo responsável pelo desenvolvimento do projeto (escolas, professores e residentes) continuou firme pela educação, se adaptou e transformou o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, foi nesse ambiente perpetuado de dificuldades que conseguimos buscar possibilidades possíveis de transformação. Se, por um lado, tivemos os problemas estruturais potencializados pela pandemia; por outro, não faltaram esforços para construir e reconstruir o processo educativo e transformador que é a Residência Pedagógica. Segundo Ribeiro (2019), a profissão de professor é algo que deve estar em um constante processo de mudança. Uma construção vívida e ávida que se faz pelo dia a dia, pelas experiências e vivências que temos no nosso cotidiano. Ribeiro (2019) deixa claro que ser professor significa ser atual e reinventor de si mesmo. A realidade não era fácil e, ainda por cima, as dificuldades estruturais se faziam presentes, mas, para além das dificuldades, foram pensadas a inovação e a transformação crítica. Aliás, é sobre as dificuldades que surgem as transformações e as novas realidades.

Diante de tais desafios, foi-nos exigido que usássemos nossos saberes sociológicos para construir, de forma coletiva, ações que possibilitassem ultrapassar as dificuldades existentes, dar continuidade à nossa formação docente a partir do programa Residência Pedagógica e fomentar o ensino de Sociologia na região do Maciço de Baturité. Assim, foram desenvolvidas muitas ações dentro do programa, algumas em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

– Subprojeto Sociologia, com a própria coordenação do curso de Sociologia, nomeadamente na IV Semana da Sociologia, que ocorreu entre os dias 8 e 10 de dezembro de 2020, com a participação da escola-campo (dos estudantes e professores). Essas reflexões estenderam-se para os minicursos e palestras, que tiveram participação dos estudantes da escola-campo; inclusive, uma das atividades desenvolvidas em uma *live* foi direcionada ao nosso público-alvo sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), sendo ministrada pensando no contexto subsequente. De forma simples, dinâmica e participativa, levamos temas importantes (racismo, imperialismo, produção científica sociológica, gênero, *fake news* etc.) aos alunos das escolas secundaristas, a fim de despertar neles o interesse e a compreensão sobre os assuntos abordados. Portanto, um ensino sociológico pode ser sim um ensino “significativo”, mesmo que de forma remota. Além disso, pode proporcionar mudanças incríveis, desde que dê aos alunos a oportunidade de contar suas histórias, de permitir expressar seus pensamentos, de convidá-los a compreender o mundo a partir de si e dos outros, pautando-se, claro, nos afetos e nas vivências do mundo real, como explanado por Hooks: [...] quando os alunos e professores encaram uns aos outros como seres humanos “integrais”, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo (HOOKS, 2013, p. 26).

Ao destruir a “coisificação” dos indivíduos e nos percebermos como seres autônomos dotados de potência para agir e fazer, possibilitamo-nos encarar novas vias e desfazemos velhos caminhos. Pensando assim, abraçávamos o “diferente” a partir da ótica do transformar, e as atividades pensadas baseavam-se no momento atual de forma crítica e reflexiva. Apesar de todas as dificuldades causadas pela nova realidade, ainda assim, o ensino remoto, quando bem trabalhado, pode proporcionar interação mútua, aprendizado cooperativo, colaboração, proatividade e socialização do saber. Segundo Leite e Ramos (2017, p. 90-91), as atividades virtuais proporcionam a interdependência, a interação, o pensamento divergente e uma nova forma de avaliar:

A interdependência do grupo tem relação com o trabalho em conjunto realizado com eficácia para alcançar os objetivos com êxito; a *interação* favorece a aprendizagem colaborativa por meio da cooperação; o *pensamento divergente* implica em colaborar para resolver situações-problema com criatividade e empenho, apesar das diferenças de ideias

e opiniões; e a *avaliação* é o método utilizado para se autoavaliar e avaliar o aprendizado em grupo.

Ainda segundo as autoras, essa nova forma de se trabalhar o conteúdo pode permitir uma maior interação dos alunos, construir um saber vinculado às suas vivências e necessidades – uma vez que serão estimulados a responderem por contas próprias questões-problemas –, aumentar a colaboração entre os sujeitos – quando discutem e ajudam uns aos outros na busca das respostas – e possibilitar um conhecimento dialógico que se fomenta a partir das conversas, consolidando-se, assim, como um “construto social” (LEITE; RAMOS, 2017). Com efeito, a realidade em que este estudo se passou permitiu ver a dificuldade se transformando em possibilidade. Atividades digitais, interativas e colaborativas com novas ferramentas tecnológicas, trouxeram experiências vividas e importantes sobre como o trabalho docente é criador. Nesse sentido, alunos e professores criaram e produziram novas narrativas, pensamentos e ações que tivessem como foco os alunos e suas problemáticas relacionadas com seu cotidiano. Por mais complexa e difícil que venha a ser a realidade atual, tornou-se o cenário ideal para experimentar “novas tecnologias educacionais”. Por meio do programa Residência Pedagógica em Sociologia, tivemos a oportunidade de vivenciarmos as necessidades escolares com um olhar crítico e criativo, o que, decerto, ajudou-nos a repensar novas maneiras de compreender a relação entre professor-aluno e ensino-aprendizagem. A nova realidade nos proporcionou criar e refletir sobre o que tínhamos e refazer, a partir de nós mesmos, novas atividades e eventos em que os alunos pudessem e possam exercer seus saberes por meio do diálogo e da interação, ainda que virtualmente. Neste estudo, buscamos e vivenciamos novas experiências, que nos garantiram vivenciarmos novos saberes e que ajudaram a consolidar e fomentar o ensino de Sociologia nas escolas; lutamos e trabalhamos para que os alunos não desanimassem sem aquela interação social; trouxemos personalidades da própria universidade; construímos espaços em que os alunos ouviram e deram suas visões de mundo, a partir de um diálogo entre professores universitários, bolsistas residentes e professores da Educação Básica; criamos *cards* para as nossas regências virtuais; e, dentro do “novo normal”, criamos e recriamos nossas realidades, vivenciando-as e sonhando com o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do programa Residência Pedagógica torna-se explícita neste trabalho pela articulação feita por instituições comprometidas, universidade e escolas, com o processo de ensino-aprendizagem, buscando a valorização da educação. As pessoas envolvidas com suas subjetividades e pluralidade de leituras de mundo enriquecem todo o modo de fazer educação com o pensar e o agir pedagógicos. A práxis torna-se um elemento fundamental para a existência do programa, coroando todas as articulações e as ações realizadas. Mesmo diante das adversidades sofridas no decorrer do programa Residência Pedagógica do subprojeto Sociologia – UNILAB, ainda assim podemos afirmar a importância desse programa para as nossas carreiras docentes: primeiro pelo incentivo e o diálogo direto com a escola e os seus profissionais, o que gerou um aprendizado empírico sobre as reais necessidades dos estudantes; segundo por possibilitar criar e recriar as condições relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem. Aprendemos a usar ferramentas tecnológicas para dialogar com os estudantes e, assim, contribuir de forma direta para o seu aprendizado; e terceiro por nos possibilitar reaprendermos e construirmos a nossa identidade docente. Por fim, após esses meses de ações, pudemos ter a certeza de que os primeiros passos para a nossa consolidação docente já foram iniciados, pautados sobre o tripé da liberdade, da cooperatividade e da criticidade.

BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Edital nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. *Programa de Residência Pedagógica*. Disponível em: [28022018-portaria-n-38-institui-rp-pdf \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/educacao/pt-br/assuntos/2018/02/portaria-n-38-institui-rp-pdf). Acesso em: 20 dez. 2021.

COSTA, Elisângela André da Silva. Programa Residência Pedagógica UNILAB: em busca de uma formação de professores pautada pela reflexão crítica sobre a realidade. In: COSTA, Elisângela André da Silva *et al.* (org.) *Programa Residência Pedagógica-UNILAB: os desafios de ensinar e aprender a profissão professor(a) à luz da diversidade*. Porto Alegre: Ed. Fi, 2020, p. 18-32.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LEITE, Lígia; RAMOS, Margareth. A metodologia Ativa no Ambiente Virtual de Aprendizagem. In: SILVA, Andreza; BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul (orgs.). *Metodologia Ativa na Educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017, p. 85-101.

OLIVEIRA, A.; BARBOSA, V. S. L. Formação de professores em ciências sociais: desafios e possibilidades a partir do estágio e do PIBID. *Revista Inter-Legere*, v. 1, n. 13, p. 140-162, 2013.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Trabalho docente e escola na sociedade mundial. In: RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *A interdição do futuro no mundo em pedaços: educação e sociedade*. Curitiba: Appris, 2019, p. 50-77.

ROWER, Joana Elisa; ALVES, Maria Alda de Sousa; GOMES, João Paulo Freitas. Escola e formação docente: narrativas plurais. In: BODART, Cristiano das Neves (org.). *Sociologia e Educação: debates necessários*. Maceió: Café com Sociologia, 2019, p. 151-170.

SOUZA, Jordânia de Araújo; MARINHO, Noélia Nunes; GAUDÊNCIO, Júlio Cezar. Ensino e docência: desafios para a formação e atuação de professores de sociologia/ciências sociais. *Política & Sociedade*, v. 14, n. 31, p. 63, 2016.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000.

Recebido em: 30 out. 2021.

Aceito em: 27 dez. 2021.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

LEMOS, Roberto Gerônimo de Farias; SANTOS, Francisco Evandro Lemos; HOLANDA, Monyque Mary Bezerra de. Estágio e programa de residência pedagógica: pesquisa e prática docente em Sociologia. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, v. 5, n. 2, p. 13-24, jul./dez., 2022.